N.° 437. **A REVISTA.** 1848.

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

—Subscreve-se a 2$500 rs. por trimestre (13 numeros) e vende-se cada folha avulsa a 200 rs. nesta typ.

SABBADO 8 DE BRIL.

Maranhaõ Typographia da Temperança, Impresso por Manoel Pereira Ramos, na rua Formoza caza n. 2.

EXTERIOR.

LISBOA 6 DE MARCO.

—Os jornaes inglezes, que recebemos até 28 confirman as noticias ja publicadas sobre os acontecimentos de França, e trazem outras muito importantes, que alcancam até o dia 26.

A republica tinha sido reconhecida em todas as principaes cidades da França, d'onde havida chegado communicações a Pariz. Nenhum corpo de tropas e nenhuma povoação resistia no novo governo. A familia real tinha fugido. Parece que se dirigia para Inglaterra, onde tinham chegado no dia 27 o duque de Nemours e sua irmã a duqueza de Coburgo Kehari e seus filhos.

A ordem e tranquillidade estavam completamente restabelecidas em todos os pontos. Havia perfeita confiança no governo provisional, e não era pequena prova dessa confiança ter o banco de França annunciado, como de facto annunciou, que tencionava não limitar os seus descontos, e prolongar o prazo de pagamento de certas letras. Tambem offereceu 100,000 francos para os feridos. Rothschil deu para esse fim 50,000 francos e declarou a resolução em que estava de não sair de Pariz.

Todos os fortes destacados e fortalezas á roda de Pariz estavam em poder da republica. Tambem todos os jornaes, incluindo o dos *Debates*, tinham prestado adhesão ao governo republicano.

O *Monitor* em 24 continha differentes peças officiaes. Entre essas havia uma proclamação do governo provisional, que continha, entre outras, estas expressões notaveis: "O governo provisional deseja "uma republica, mediante a ratificação do "governo francez, que vai ser immediata-"mente consultado.

"Nem o povo de Paris, nem o governo provisional desejão impor a sua opinião ás opiniões da generalidade dos cidadaõs no que toca á forma definitiva de governo que a soberania nacional ha de proclamar."

Tambem o *Munitor* do dia 24 tinha publicado um decreto, dissolvendo a camara dos deputados, e prohibindo a reuniaõ da ex-camara dos pares; e annunciando que seria convocada uma assemblea nacional logo que o governo provisorio houvesse tomado as medidas necessarias para colligir os votos dos cidadaõs.

Na noute desse mesmo dia tinha havido illuminação geral em Pariz, e os coches da familia real e moveis do *Chateau* tinham sido queimados no pateo das Tulherias. O throno foi queimado aos pés da columna de Julho.

O governo provisorio decretou a formação de 24 batalhões de guardas nacionaes, que se hão de compor de cidadãos com meios para fardar-se á sua custa, e servir gratuitamente recebendo a penas 30 soldos por dia.

Tambem o governo acaba de formar dois corpos de exercito, um sobre o Rheno e outro nos departamentos dos Alpes. A fronteira oriental reputava-se coberta pela Suissa, e os Pyreneos não inspiravam receio.

Delesserte, ex-perfeito da policia, e o duque de Montebello ex-ministro da marinha, estavam já em Inglaterra.

Dizia-se que Guizot tinha cahido nas mãos do povo.

Parece que o principe Luiz Napoleão tinha embarcado para a França e affirma se até que já havia desembarcado em Bolonha.

O ccorrespondente do *Times* em Pariz e o mesmo *Times*, dão a entender que o governo britanico reconhecerá a republica franceza.

Circulava a noticia de quem na Belgica se proclamara a republica, e que o rei Leopoldo fugira.

Do Courrier Français de 25 de Fevereiro trancrevemos o seguinte:

"Tres horas bastaram para a victoria do povo. Os cidadaõs de Pariz vingaram o crime infame commetido hontem sobre seus irmãos diante da secretaria dos negocios estrangeiros. Não podemos hoje contar em detalhe o que houve neste grande dia todo cheio de factos heroicos. Basta nos anunciar á França e á Europa que não existe na capital vestigio desse governo de assassinos.

As quatro horas da tarde tudo estava consumado. O povo occupava o Hotel de Ville, o Palais Royal, todos os postos de Pariz, as Tulherias mesmo. A resistencia foi forte no Carrousel, diante do palacio e nas ruas adjacentes houve uma mortandade espantosa. São os adeozes do ex-rei e da sua familia! hontem ainda se despresavam nas Tuilerias as justas coleras do povo, hoje o rei fugia, ao primeiro perigo pessoal! Não ha, não pode haver mais na França, neste paiz de honra e de coragem partidistas d'uma dynastia que perde tão miseravelmente a sua corôa. Não se comprehende, não se pode comprehender que a extrema cobardia succeda tão brevemente a extrema violencia! O mesmo Carlos 10.° cahio melhor!

Luiz Filippe deixou precipitadamente as Tulherias, acompahando da rainha, do duque d'Nemours e da duqueza de Orleans. Esta princeza foi com seus dous filhos a camara dos deputados. M. Dupin annunciou que Luiz Filippe abdicava nas mãos da camara, em favor do joven conde de Pariz, "*E' muito tarde!* Gritou toda assembléa. Odilon Barrot apoiou Dupin, mas debalde. Mr. Ledru-Rullin, Lamartine, Cremieux, de Genoud revindicaram energicamente os direitos do povo, que alem d'isso, elle mesmo os tinha heroicamente reconquistado para que alguem se lembrasse de lhes negar. Disseram que não havia outro partido se não constituir um governo provisorio, e que este proveria as necessidades do momento, segundo a consciencia e segundo as necessidades do paiz.

Com tudo o povo que acabava de tomar as Tulherias, marchava sobre os Palais-Bourbon. A duqueza de Orleans estava ainda na camara dos deputados, com seus dois filhos, no momento em que entrava na camara a multidão triumfante. A duqueza retirou se debaixo da protecção omnipotente da guarda nacional. Um homem do povo apontou com a espingarda para o presidente mas os seus camaradas levantaram-na logo, e o presidente desappareceu. O povo declarou que não havia mais camara. Os deputados largaram os bancos. Dalli a meia hora reinava um completo silencio no Palais-Bourbon.

Tres horas depois, quer dizer, depois da tomada das Tulherias, não havia a deplorar um só desastre. O povo occupava tudo, e havia perfeita segurança. Quebraram-se ou queimaram-se alguns trastres no Palais-Royal e nas Tulherias, mas a colera do povo só se dirigiu contra os objectos que tinham alguma significação polica."

PARIZ 23 DE FEVEREIRO.

(Extracto do *Moniteur*, parte official.)

Em nome do povo francez.

Proclamação do governo provisorio ao povo francez.

Um governo retrogrado e oligarchico acaba de ser destruido pelo heroismo do povo de Pariz. Este governo fugiu, deixando atraz de si um rasto de sangue que lhe prohibe de voltar sobre seus passos.

O sangue do povo correu como em Julho, mas desta vez este generozo sangue não correu em vão. Elle conquistou um governo nacional, e popular restituindo-vos os direitos, os progressos, e a vontade do grande e magnanimo povo.

Um governo provisorio creado por acclamação e necessidades, pela voz do povo, e dos deputados dos departamentos na sessão de 24 de Fevereiro, e investido momentaneamente do cuidado de assegurar e de organisar a victoria nacional. Esse governo é composto de

M. M. Dupont de l'Eure
Lamartine
Arago (do instituto)
Ledru Rollin
Garnier Pages
Marie.

Este governo tem por secretarios:
MM. Armand Marrast.
Louiz Blanc.
Ferdinaud Flocon.
Aubert.

Estes cidadãos não hesitaram um instante em aceitar a missão patriotica que lhe fora imposta pelas circumstancias. Quando a capital de França está em combustão, o mandato do governo provisorio está na salvação publica. A França inteira o comprehenderá, e lhe prestara o concurso de seu patriotismo. Debaixo do regime popular proclama o governo provisorio que todo o cidadão é magistrado.

Francezes! dai ao mundo o exemplo que Pariz tem dado á França, preparai vos pela ordem e confiança em vós para as instituições fortes a que ides ser chamados.

O governo provisorio quer a *republica* salva a ratificação pelo povo que será immediatamente consultado.

A unidade da nação formada d'aqui em diante de todas as classes de cidadãos que a compoem, o governo da nação por ella mesma.

A liberdade, a igualdade e a fraternidade por principios; o povo por divisa e palavra d'ordem; eis-qui o governo democratico que a França deve a si mesma e que nossos esforços saberão conservar lhe Dupont (de l'Eure) Lamartine. Cremieux Ledru Rollin, Garnier Pagès, Maire, Arago, membros do governo provisorio. Armand Marrast, Blanc, secretarios.

Em nome do povo Francez.

O governo provisorio decreta:

Mr. Dupont (de l'Eure) é nomeado presidente provisorio do conselho sem pasta:

Mr. Lamartine, ministro provisorio dos negocios estrangeiros.

Mr. Cremieux ministro provisorio de justiça.

Mr. Ledru Rollin, ministro provisorio do interior.

Mr. Michel Goudechaux, ministro provisorio das finanças.

Mr. François Arago, ministro provisorio da marinha.

O general Bedeau ministro provisorio da guerra.

Mr. Carnot, ministro provisorio de instrucção publica (os cultos formarão uma divisão deste ministerio.)

Mr. Bethmon, ministro provisorio do commercio.

Mr. Marie, minitro provisorio d'obras publicas.

O general Cavaignac governador geral d'Argel.

A guarda municipal é dissolvida

Mr. Garnier Pagès é nomeado Maire de Pariz.

Mr. Flotard é nomeado secretario geral.

Todos os outros Maires adjuntos são provisoriamente conservados como Maires e adjuntos de districtos.

A perfeitura da policia fica debaixo da dependencia do maire de Paris.

A manutenção da segurança da cidade de Paris é confiada ao patirotismo da guarda nacional, debaixo do comando geral dado a M. o coronel de Curbais.

A guarda nacional se reunirão as tropas que pertencem a primeira divisão militar.—A. Crimieux—Lamartine—Marie—Granier Pagès—Dupont (de l'Eure—Ledru Rollin—Arago (*Membros do governo provisorio.*)

Em nome do povo francez.

O governo provisorio decreta:

E' dissolvida a camara dos deputados.

A camara dos pares não se podera reunir.

Convocar se ha uma assembleia nacional logo que o governo provisorio tiver tomado as medidas d'ordem e de policia necesarias para o voto de todos os cidadãos. —Pariz 24 de Fevereiro de 1848.—Lamartine—Ledru Rollin—Louiz Blanc, secretario.

Em nome do povo francez.

O governo provisorio decreta:

E' prohibida a reunião dos membros da ex-camara dos deputados.—Paris 24 de Fevereiro de 1848.—Dupont de l'Eure Lamartine— Ledru-Rollin— Cremieux— Marie—Arago.

Tudo o que é concernente á direcção das bellas artes, muzeus, outr'ora debaixo das attribuições da lista civil, constitue uma divisão do ministerio do interior.

O jury encarregado de receber os quadros das exposições annuaes será nomeado por eleição.

Os artistas serão convocados para este effeito por um proximo decreto.

A exposição de 1848 será aberta a 15 de Março.—Ledru Rollin.

O coronel Dumoulin, antigo ajudante de campo do imperador, é encarregado do commando superior do Louvre, e da intendencia particular da bibliotheca do Louvre, e do muzeu nacional. Mr. Felix Bouvier é seu adjunto. A 24 de Fevereiro de 1848—Por delegação do governo provisorio o ministro interino da instrucção publica— Carnot — Larmartine— A. Crimieux.

O governo provisorio nomeia mr. Saint-Armand, capitão da 1.ª legião, commandante do palacio das Tulherias.—Feito no Hotel de-Ville em 24 de Fevereiro de 1848.—Os membros do governo provisorio —A. Crimieux Ledru Rollin—Dupont de l'Eure.

(*Do Supplemento a Rev. de Sep.*)

—O encarregado dos negocios de França nesta corte enviou uma nota ao duque de Saldanha reclamando contra as calumnias que a imprensa ministerial havia publicado contra a França e a sua republica,

— Diz se que uma escuna portugueza entrada hoje, e sahida de Inglaterra dois dias depois da partida do paquete, viera a noticia de ter Luis Fillippe chegado a Londres

(*Rev. de Septembro de 8 de Março.*)

—Pelo brigue *Tyro* saido de Liverpool no 1.° do Março recebemos o *Liverpool Courier* daquelle mesmo dia. As noticias que delle extrahimos são as seguintes:

As ultimas noticias telegraficas de Pariz chegam até o dia 28 de Fevereiro.

O primeiro marechal que adheriu ao movimento republicano foi Bugeaud, O corpo diplomatico reuniu-se, e os ministros resolveram esperar instrucções dos seus respectivos gabinetes.

Todos os bancos recomeçaram o seu giro; o banco de França descontou no Sabbado letras até a quantia de dusentas e oitenta mil libras, e o governo tinha depositado no banco oito milhões de libras esterlinas. As disposições das potencias do Norte são mui duvidosas; não ha as mais pequenas esperanças para os napoleonistas.

Uma proclamação diz *nada de bonapartismo*, republica. Todos os palacios reaes serão vendidos, e o seu producto applicado a beneficio dos pobres. O *Nacional* traz um importante artigo de fundo sobre as relações da França com os paizes estrangeiros; diz que elles (os francezes) devem ficar na espectativa com algumas excepções salientes, e se a Austria invadir á Toscana, Roma, ou Napoles, ou mandar forças contra Piemonte, então a republica ver-se-ha obrigada a oppor-se a taes aggressões, e mandará um exercito e uma esquadra para Italia. As joias da corôa foram removidas das Tulherias e depositaram-se no thesouro publico. Não há duvida sobre a adhesão de todas as provincias do Norte. O *Nacional* diz, que corria um boato que a duqueza de Orleans se achava nas immediações de Pariz, e que os seus partidarios trabalhavam energicamente a seu favor; o redactor prometo esquecimento dos crimes dynasticos no caso de não serem recordados pelas imprudencias da mesma dynastia.

Até hontem á tarde nenhuma noticia se tinha recebido na embaixada franceza á cerca do duque de Monpencier nem de Luiz Fillippe e sua consorte; tambem nada se sabe do refugio da duqueza de Nemours.

Sabe se com toda a certeza que mr. Douchatel está a salvo, a opinião geral de todas as pessoas de Pariz é que mr. Guizot está escondido na capital (isto é á noute de Quinta feira passada) mas julga-se que naquella mesma noute se tinha escapado para o sul; esta ultima noticia é uma conjectura.

A republica foi porclamada em Dijon Bordeau, Lours, e Rouan; todos os corpos da judicatura tinham abherido ao governo provisorio.

Em Amiens tinham havido commoções terriveis, mas a tropa de linha pronunciou-se a favor da republica, e houve perda de parte a parte de quinhentas vidas; corriam boatos de que a duqueza de Orleans tinha sido aprehendida em Ruão.

—As cartas particulares de Londres são conformes em descrever a nova revolução de França com o mesmo caracter de violencia, e ferocidade, que se observou na do seculo passado. Os excessos de toda a especie—o incendio, a devastação, e os homicidios tem sido diarios e numerosos em Paris.

Parece que a mais infima plebe tem manifestado por diversos actos o seu odio contra os inglezes:—um boticario tinha na sua taboleta as armas de Inglaterra, essa taboleta foi logo arrancada e queimada na rua. A caza da legação ingleza foi ameaçada, e foi preciso mandar uma força consideravel de torpa a defende-la;—o governo republicano, ou porque partilha esses sentimentos, ou talvez porque não tem força para os reprimir, ordenou que todos os inglezes residentes em França sahissem

do territorio francez dentro em vinte dias.

E' impossivel prever onde terminarão tantos excessos.

O duque de Nemours chegou á embaixada franceza em Londres no dia 27 ás oito horas da noite.

Ignora-se onde se acha o Rei, e os restantes membros da familia real.

Não se receberam jornaes, nem cartas algumas de França depois da revolução;—talvez por haverem tido a mesma sorte da correspondencia destinada para a India, que foi toda queimada pelos revolucionarios.

Em *Southampton* havia entrado um barco de vapôr vindo do *Havre*, com um grande numero de emigrados, entre os quaes se contam o duque de Montebello, o duque e duqueza de Cosgny, e muitos pares e deputados.

Uma carta de Paris, trazida por um expresso aos banqueiros de Londres Cox & Greenwood, sobre negocios commerciaes, havia sido aberta nas barreiras, e de novo fechada por uma guarda ou patrulha na barreira de S. Diniz, escrevendo-lhe o commandante a seguinte declaração:—" Esta carta foi aberta pela authoridade nomeada pela soberania do povo no posto da Capella de S. Diniz. "

Sabia-se tambem por um correio do gabinete inglez, chegado á meia noite antecedente, que todas as barreiras estavam tomadas, e se não deixava sahir pessoa alguma de Paris examinando-se com rigor tudo quanto passava;—e o mesmo correio fôra obrigado a descer por uma escada de corda para se escapar de París.

GRAM-BRETANHA.

Londres, 28 de fevereiro.

—Que representa o governo estabelecido em Paris? E' esta a pregunta que devem fazer todos os francezes, e habitantes da Europa. O destino de trinta milhões de homens, a tranquilidade da Europa, e outros objectos de grande monta estão commettidos a novas authoridades. Quem governa em S. James? tambem nós preguntaremos. Cedo receberemos a resposta. O povo e alguns deputados nomearam n'uma sessão da camara seis pessoas para comporem o governo provisional da França. Cumpre-nos, por tanto, fallar dellas com todo o respeito. Estes seis homens escolhidos n'uma inspiração momentanea pela absoluta vontade de uma turba, distinguem-se por grandes prendas scientificas, poeticas e philosophicas. Lamartine e Arago são assás conhecidos e admirados na sua patria. Ledru-Rollin é respeitado por certa classe de politicos irlandezes. Toca a Mr. Cobdew responder por Cremieux. Temos dito a respeito destas personagens quanto basta. Inclinamo-nos a acreditar que estes seis homens teem as mais puras intenções, e que possuem romantica integridade. Mas perguntamos: achar-se-hão nelles os necessarios requisitos para desempenhar o encargo superior ás forças humanas, que sobre si tomaram? O temor da crise, e o respeito á virtude poderão acaso supprir a debilidade do poder, e á falta do talento? Não nos recusamos a crer, e a caridosamente esperar tudo isto; mas nunca houve fé, esperança, e caridade para quem tenham sido reservados tão crueis tractos. Em vão procurará alguem designar os diversos gráos desta crise. E' um penedo que se desloucou da montanha, e se despenhou n'um valle. Podemos com tudo dizer, que o governo provisorio tem dado passos muito accelerados. No espaço de trinta e quatro horas foram ministros Guizot, Molé, Thiers; Odillon Barrot, e tambem se fizeram nomeações militares com igual rapidez. Entre o almoço e jantar do memoravel dia 22 governou Odillon Barrot a França com tres distinctas qualificações. Primeiramente como ministro de Luiz Filipe: como ministro deste monarcha distingue-se por dous actos notaveis. Aconselhou S. M. a que ordenasse aos regimentos de linha a que depozessem as armas, e logo depois igualmente o aconselhou a que abdicasse o throno no Conde de Paris, nomeando a Duqueza de Orleans para regente. Ao meio dia foi feito Odillon Barrot ministro de Luiz, Rei dos francezes. Ninguem poderá duvidar da sua firmeza e devoção durante a hora e meia que este monarcha reinou. Fez provalmente o que quiz. Debaixo deste auspicio entrou o novo Soberano na camara dos deputados por uma porta, e no cabo de poucos minutos entrou o povo francez por outra. A regente quiz fallar, mas as primeiras e ultimas palavras do seu discurso foram abafadas pela voz do povo.

O joven monarcha abdicou a sua corôa na camara, sahindo quasi na mesma occasião em que Odillon Barrot mandava affixar nas esquinas as proclamações por elle assignadas, annunciando o começo do novo reinado. Assim findou o outro ministerio deste distincto estadista. Quando o principe Luiz e sua mai sahiram, pôz o presidente o chapéo na cabeça, fechou a sessão, e os deputados se retiraram ou antes se curvram diante da magestade do povo, e a republica se inaugurou. Aqui principiou a terceira scena do drama representado por Mr. Odillon Barrot. O unico facto que observamos é ser o governo provisorio, composto de homens, que já tinham sido escolhidos para o gabinete; e é de crer que terão grande influencia no novo regimen. Houve tres Ministerios, dous Reis, um Regente, e uma republica em pouco mais tempo do que nos levaram a escrever estas palavras;—é precisa muita fé para acreditar na estabelidade de um Governo tão rapidamente formado;—posto que este Governo seja provisorio e naõ aspire a mais,—o que parece certo é que elle existe desde o dia 23 ás 2 horas da tarde, isto é, ha menos de tres dias, e por isso ainda não podemos julga-lo pelos seus actos. Dissolveu a Guarda Municipal, a Camara dos Deputados, destruiu a Camara dos Pares, confiou a segurança publica á população de Paris.—Excitou a sympathia e cooperaçaõ do exercito,—e creou 24:000 homens de Guarda Nacional movel, composta das ultimas classes da sociedade, daquelles que não tem de vestir nem de comer, para formar dous corpos de exercito de observaçaõ na fronteira; e se na energia da acção igualar á da proclamaçaõ deve ser grande a sua estabilidade. O que acaba de fazer se em Paris é nada em vista do que resta por fazer; parece que os parisienses, por terem feito tres revoluções, se julgam aptos para estabelecer á sua vonta de um Rei, uma Republica, um Imperio, ou aquillo que primeiro lhes lembrar, e for mais de moda; mas poderá isto acabar como principiou? E' facil obrigar um Rei a demittir um Ministerio; mas é difficil suspender a torrente, que póde arrastar o seu successor. A Guarda Nacional deve ter presente a historia do passado, para saber guiar o ferrenho carro da revoluçaõ.

Julgará a Guarda Pretorianna de logistas, e artistas, que a sua responsabilidade acabou? Se naõ é responsavel para com o mundo, naõ deixa de o ser para com a França,—e ao menos para comsigo mesma. Naõ é esta a classe de gente que póde existir, e mesmo prosperar no reinado do terror,—e se naõ houver Governo forte e justo, por qualquer modo que se organise, esse reinado do terror é inevitavel;—se as legiões da ordem se descuidarem veraõ em breve levantado o cólo da anarchia, e a destruição,—sahiraõ das cavernas bandos de malfeitores, que vendo-se desafrontados tomaraõ força e estabeleceraõ um despotismo sanguinario, mais poderoso pelos crimes, do que pelo numero dos que o compoem;—levantar-se-ha a guilhotina, e exigirá humanas hecatombes,—a fome afiará os punhaes—e commetter-se-hão crimes contra nações, e contra pessoas. Achar-se haõ os logistas de Paris dispostos a declarar guerra a toda a Europa? A Europa ha de respeitar a independencia nacional, mas, se for solicitada, tambem a ha de auxiliar. (*Times.*)

(*Diario do Governo de 7 de março.*)

INTERIOR.

RECIFE, 27 DE MARÇO DE 1848.

—Pela galera ingleza *Sword-Fish*, entrada neste porto com 29 dias de viagem, recebemos gazetas de Londres até 25 do mez passado. As noticias de Paris chegavam até 24, as de Hespanha até 17, as de Portugal até 18, e as de Napoles até 24.

O estado financeiro, tanto da Grãa-Bretanha como do continente, nada novo apresentava. A pezar das remessas de especie que de continuo iam chegando de todas as paragens; havia pouca abundancia de ouro em Londres e o preço deste metal era 0,57 mais caro do que em Hamburgo, e 0,26 do que em Paris.

A transacções commerciaes manifestavam pouca actividade; todavia o algodão era mui procurado.

Na bolça de Londres do dia 24 os fundos inglezes e estrangeiros soffreram uma baixa em consequencia das noticias de Paris, recebidas pelo telegrapho; com tudo, a ultima cotaçaõ dos *consols* foi 89, e a do 5 o/o brasileiro 85.

As noticias publicas saõ da maior importancia. S. M. el-rei do Piemonte concedeu aos seus subditos uma constituição, sobre as mesmas bases que a constituição napolitana, publicada nos primeiros dias de fevereiro.

O grão-duque de Toscana annunciára tambem a promulgaçaõ de uma constituiçaõ, e suppunha-se que S. S. seria obrigado a seguir este exemplo.

A revolução da Sicilia ainda se naõ havia concluido, e os povos dessa ilha reclamavam pela constituiçaõ de 1812, por um parlamento especial e um vice-rei. Julgava-se que S. M. el-rei Fernando cederia ás exigencias dos Sicilianos; entretanto, as hostilidades ainda continuavam em alguns pontos da ilha; e por causa de um engano lamentavel, a cidade de Messina havia sido bombardeada pelas tropas napolitanas, intrincheiradas no castello.

Em Baviera havia apparecido graves disturbios, e o povo de Munich, insuflado pelos partidarios dos jesuitas, sublevara-se com o fim de obrigar a el-rei Luiz a apartar-se da condessa Landsfeld, a célebre Lola Montes.

Na Irlanda, os camponezes, excitados pelos padres e bispos catholicos, se oppozeram á execuçaõ das leis repressivas, votadas ultimamente pelo parlamento da Grãa-Bretanha. Continuavam os incendios e assassinatos em grande escala, apezar das numerosas execuções capitaes que já houveram lugar. Entretanto, esperava-se que as cousas melhorassem logo, nesse desgraçado paiz, em razão de uma carta apostolica que S. S. Pio IX endereçára aos arcebispos e bispos da Irlanda, prohibindo-lhes qualquer ingerencia nos negocios politicos.

O marquez de Lansdowne apresentára no parlamento um bill, autorisando o governo a estabelar negociações diplomaticas com a S. Sé. O bill, ácerca da emancipaçaõ dos Israelitas, passára em segunda leitura por uma maioria diminuta; e na camara dos

lorda se haviam agitado importantes discussões a respeito do trafico da escravatura. Na camara dos communs apresentára-se um bill, relativo ás terras feudaes, assim como o orçamento para o proximo anno financeiro.

Grande exaltação popular reinava em todos os paizes da Europa, e appareceram disturbios na propria cidade de Vienna, nesse sanctuario do absolutismo; mas, ainda que esses eventos sejam de summa importancia, deixa-los-hemos de parte, por hoje, afim de occupar-nos com o acontecimento do dia,—a revolução que teve lugar em Paris em 22 e 23 do p. p. mez.

Os nossos leitores se haõ de lembrar que o ministerio Guizot, fiado na maioria que, na camara, lhe proporcionára a corrupção, como meio governamental, se recusára a fazer qualquer concessaõ, e respondêra ás justas manifestações da opiniaõ publica com medidas repressivas, e insolente ostentação de fôrça armada. Semelhante obstinação produzio desastrosas consequencias.

A commissaõ encarregada de redigir a resposta á falla do throno, havia incluido um paragrapho relativo ás manifestações que ultimamente tiveram lugar em pró da reforma eleitoral, e em que tomára parte grande numero de pares de França, deputados, magistrados e outros personagens de alta categoria. Este paragrapho attribuia estas manifestações ao desenvolvimento de paixões *hostis*, e offerecia o concurso das camaras para reprimi-las.

Violenta discussaõ teve lugar na camara ácerca deste paragrapho.

Uma emenda offerecida por alguns membros pertencentes á fincção da camara, denominada—*os jovens conservadores*, foi rejeitada por uma maioria de alguns votos, e os deputados da opposição abandonaram a camara.

Nos ultimos dias da discussaõ do projecto da resposta á falla do throno, a camara dos deputados testemunhou scenas da maior violencia; os oradores da opposição compararam o ministerio Guizot com o ministerio de Polignac e Peyronet, ameaçaram o governo com a reproducção dos acontecimentos de julho de 1830. Não obstante, o ministerio persistia em prohibir os banquetes eleitoraes, porque os reputava oppostos ao artigo 291 do codigo penal, sem se lembrar que os seus membros mais proeminentes, por varias vezes, haviam presidido banquetes reformistas, e provocado manifestações populares contra o governo daquella época. A opposição pela sua parte protestou defender os seus direitos, e novo banquete foi annunciado, nas gazetas reformistas, para domingo, 20 de fevereiro. Este banquete devia de ter lugar nos Campos Elisios, e os principaes membros da commissaõ reformista deviam dirigir-se á sala do banquete, acompanhados por grande parte da guarda nacional e da população industriosa de Paris, pelos mancebos das academias de direito e medicina, no numero de mais de 6:000, e por varias deputações dos diversos departamentos. Recommendára-se aos guardas nacionaes que fossem desarmados, afim de que essa manifestação tivesse um caracter legal e pacifico, e que o governo naõ tivesse pretexto algum para recorrer á fôrça.

O gabinete, pela sua parte, preparava os seus costumados meios de persuasaõ; elevára a guarnição da capital a 80,000 homens de tropa de linha, afóra a guarda municipal. Muitos regimentos, tanto de cavallaria como de infantaria, achavam-se nas cidades vizinhas, promptos ao primeiro signal; e, nos arsenaes de Douay e de Vincennes, preparava-se a artilharia necessaria para completar o armamento dos forts *detachés*. As tropas receberam viveres e munições para quatro dias, e o heroe das *Transnonaines*, o novo duque d'Isly, manifestára a intenção de metralhar a *canalha*. (Continúa.)

RECIFE, 28 DE MARÇO DE 1848.

—O vapor *Paraense*, chegado hoje dos portos do sul, trouxe-nos gazetas do Rio-de-Janeiro até 14, e da Bahia até 24 do corrente.

Encetaremos o nosso trabalho pela revista dos jornaes fluminenses.

SS. MM. e a demais familia imperial já se tinham recolhido a côrte, e achavam-se residindo no paço da Boa-Vista.

Desde que voltára da excursão ao municipio da Parahiba, S. M. o Imperador soffrera accessos de febre, mais ou menos graves, entre os quaes fizera-se notavel o do dia 3 deste mez, pois que, havendo-se manifestado pelas duas horas da tarde desse dia, sómente terminára ás 5 da manhãa do immediato, depois de ter S. M. tomado uma porção de sulfato de quinina em agoa ingleza. Depois da applicação deste remedio acreditára-se que o mal havia sido combatido pela raiz, visto como o imperial enfermo passára sete dias sem se queixar de incommodo algum; entretanto, assim naõ acontecêra, porque a 13 reappareceu elle, e reappareceu com força tal, que foi causa para que a 14, anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz, deixasse de ter lugar o cortejo do estylo.

Terminára, finalmente, a crise ministerial, de que fallámos aos leitores no nosso numero 60.

A principio suppozera-se que o Exm. Sr. Alves Branco conservaria a presidencia do concelho e uma das pastas; tanto mais quanto a propria *Gazeta Official* annunciára que S. Exc. se achava encarregado de recompôr o ministerio, chamando para elle alguns membros novos mas, dentro em pouco, desvanecêra-se esta supposição, porquanto appareceira na mesma *Gazeta* a noticia de ter elle solicitado e obtido demissaõ. Então soubera-se que estava commettida ao Exm Sr. visconde de Macahé a organisação de um novo gabinete, e esta se realisára pelo modo seguinte:

Ministro do imperio e presidente do concelho, o Exm. Sr. visconde de Macahé;

Ministro do estrangeiros e interinamente da fazenda, o Exm. Sr. conselheiro Antonio Paulino Limpo de Abreu;

Ministro da justiça, o Exm. Sr. Joze Antonio Pimenta Bueno;

Ministro da marinha e interinamente da guerra, o Exm. Sr. Manoel Felisardo de Souza e Mello.

Segundo se vê, o ministerio ainda carece de dous membros. Como o completaraõ os homens que o compõem, he o que ignoramos inteiramente. Permitta Deos que o façam de maneira que possam salvar a naçaõ das desgraças que a ameaçam taõ perto.—Attentas as circumstancias em que nos achamos, necessitamos de estadistas, que, bem comprehendendo a sua missaõ, afanem-se por cicatrisar as chagas que nos tem aberto o nunca assaz reprovado principio do exclusivismo;—que tratem de reorganisar o paiz, de modo que chegue elle a fruir as vantagens de que gozam aquellas terras onde as ideas do progresso bem entendido dominam sobre todas as outras;—que, cerrando os ouvidos ás desarrosoadas e mesquinhas exigencias desses partidos frenticos que buscam exterminar-se reciprocamente, reuna em derredor do throno do nosso augusto monarcha todos os Brasileiros de merito, seja qual fôr a sua côr politica, e, ajudados por elles, desviem a não do estado dos cachopos de que se vai approximando de dia para dia.

(*Diario de Pernambuco.*)

Correspondencia.

Sr. Redactor.

—Vendo com pezar em um dos artigos do Observador de 5 do corrente adulterado o sentido de uma certidão por mim passada á requerimento do Sr. Candido Mendes d'Almeida, e que com o mesmo artigo se acha impressa, rogo-lhe o obsequio de declarar pela sua Folha que as palavras--somente em 1841—do 2.° quesito da mencionada Certidão se referem ao Alumno José Ricardo Jaufret, e tem por fim distinguir o motivo porque elle não provou os annos de 1841. e 1842, e não ao Alumno Carlos Emilio Monteiro, como lá para seus fins o quer inculcar o autor do artigo; e que a declaração que no mesmo quesito se acha—de que todos perderão o anno—nenhuma duvida pode deixar de que o Alumno Monteiro o perdêra em 1840. e 1841.

De V. S.

S. Caza 7 de Abril de 1848. V.or e C.no Ob.ro

J. N. X. de Brito

A REVISTA.

Maranhaõ 8 de Abril de 1848.

—Acaba de operar-se em França uma grande e subita revolução cujas consequencias immediatas fôraõ a queda da dinastia de Julho e da monarchia. Esta revolução ja tinha tido echo na Belgica que, posto que esteja politicamente separada, com tudo como que faz parte da França por sua lingua e costumes. A abdicação de Luiz Felippe em seu neto, o conde de Paris, como annunciavão as primeiras noticias, não foi acceita pelo povo parisiense, e o governo provisorio, organisado em consequencia da revolução, propoz a republica á nação francesa, e dissolvendo o parlamento convocou uma assembléa constituinte. Este estado de cousas cujo resultado a ninguem é dado ainda prever, conjectura-se que occasionará grande mudança na politica da Europa, attenta a influencia que ali exerce uma nação tão poderosa como a França, e parece alias estar em perfeita analogia com a revolução da Sicilia, com a extraordinaria agitação que reina em toda a Italia e na Suissa. Neste numero extractamos quanto nos parecêo conveniente para dar idéa ao leitor do como as cousas se passáraõ em occurrencia de tal gravidade, e entre outros encontrará elle um judicioso artigo do Taimes sobre a revolução de Fevereiro. As noticias de França que extractamos do Diario de Pernambuco. são mais atrasadas que as que ja tinhamos, pois que apenas chegaõ até 22 ou 23 de Fevereiro, mas são mais circunstanciadas, e por isso as damos.

—Pelo vapor Paraense, entrado neste porto no dia 5 do corrente, tivemos folhas do Rio de Janeiro até 13, e de Pernambuco até 29 de Março.

A 9 do mesmo mez foi mudado o ministerio com excepção de um só membro que foi conservado. O novo gabinete compõe-se por ora de quatro membros cujos nomes deixamos acima transcriptos. Não poderemos ajuizar de sua politica senão em vista do programma que formular, ou dos actos que fôr praticando. Taõbem foi mudado o Sr. Franco de Sá. E a este respeito somos da opinião do Publicador Maranhense que diz—que ignora as causas intimas da demissão do Snr. Franco de Sá, mas que é de crêr que não é ella devida, nem a politica seguida por este Sr., nem aos exforços da opposição nesta provincia, porque os outros presidentes que estavão no mesmo caso, não foraõ igualmente demittidos. O novo presidente, o Exm. Sr. Antonio Joaquim Alvares do Amaral, chegou no dia 5 a bordo do vapor, e tomou conta da administração a 7 do corrente.

—Só despreso mereciaõ as baixas falsidades que contra nós publica o Sr. Candido Mendes no seu Observador n. 40 de 5 do corrente, principalmente depois da declaração que acima faz o nosso correspondente, o Sr. J. N. X. de Brito, de que foi adulterado o sentido de uma certidão por elle passada, e impressa na mesma folha, comtudo a seu tempo terá o Sr. Candido Mendes resposta conveniente.

—O author do communicado que nos foi remettido debaixo da firma C ***, será attendido para o numero seguinte.

—ERRATA.—

—No n. 435 da Revista, pag. 3.ª, col. 2.ª onde se lê—que no de 1841 se matriculáraõ dois--lêa-se--que no de 1841 se matriculáraõ tres--. Ibidem, onde se lê—Lyceu do Maranhaõ 26 de Março de 1836—lêa-se—Lyceu de Maranhaõ 28 de Março de 1844.

Maranhão Typographia da—Temperança—1848. Impresso por M. P. Ramos, rua Formoza n. 2